UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

QUEILA ABIGAIL DA LUZ TROJACK

AGRESSÃO RELACIONAL ALTERNATIVA: *O BULLYING* ENTRE MENINAS.

LAPA
2016

QUEILA ABIGAIL DA LUZ

AGRESSÃO RELACIONAL ALTERNATIVA: *O BULLYING* ENTRE MENINAS.

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Douglas Gomes Daronco
Co-orientador: Prof. Clóvis Wanzinack

LAPA
2016

Curso de Especialização Gênero e Diversidade na Escola
Pólos: Blumenau Itajaí Itanhaé Lapa São Paulo /CEU Jambeiro
UFPR Setor Litoral

AGRESSÃO RELACIONAL ALTERNATIVA: *O BULLYING* ENTRE MENINAS.

Queila Abigail da Luz Trojack[1]; Douglas Gomes Daronco[2]; Clóvis Wanzinack[3]

[1]Psicóloga clínica e educadora; E-mail queilatrojack@gmail.com
[2]Especialista em Arte Educação (SEED/PR); E-mail: douglasdaronco@yahoo.com.br
[3] Mestre em Desenvolvimento Regional (UFPR). E-mail: cloviswa@gmail.com

Resumo: Culturalmente os meninos vivenciam e estão mais adaptados à agressão física, enquanto a violência entre meninas ocorre, freqüentemente, de forma indireta através de fofocas e ataques verbais, tornando-a menos evidente. Essa questão de gênero ainda é um desafio para muito educadores, pois pode comprometer o sucesso na prevenção e eliminação da violência escolar. A presente pesquisa teve por objetivo identificar como as meninas percebem o *bullying* entre elas e como lidam com isso, dentro das relações de amizade. Participaram desse estudo 25 meninas, com idade entre 11 e 13 anos de uma escola municipal de Colombo, no Paraná. A partir dos resultados, foi possível constatar a necessidade de ampliar os estudos sobre o tema, pensando em estratégias de prevenção e intervenção, pois o *bullying* está associado também à violência de gênero, o que amplia sua importância na deterioração das relações interpessoais no ambiente escolar.

Palavras–chave: amizade; *bullying*; violência; gênero;

Abstract: Culturally boys experience and are more suited to physical aggression because violence among girls is often indirectly through gossip and verbal attacks. This matter of gender is still a challenge to studies of school violence and the commitment of the schools on this issue. This research aimed to identify how girls perceive bullying between them and how they deal with it within the friendly relations. Participated in this study 25 girls, aged 11 and 13 years a municipal school of Colombo-PR. From the results, it determined the need to expand the studies on the subject, thinking of prevention and intervention strategies, as bullying is also associated with gender violence, which increases its importance in the deterioration of interpersonal relationships in the school environment.

Keywords: friendship; *bullying,* violence; genre.

INTRODUÇÃO

O *bullying* é uma expressão inglesa que pode ser traduzida como episódios frequentes de violência física e/ou psicológica praticados com a intenção de humilhar ou intimidar uma pessoa (ou grupo) supostamente inferior. O estudo desse fenômeno ganhou força a partir da década de 90, especialmente no ambiente escolar onde as relações entre crianças e adolescentes ficam mais expostas e fragilizadas. A questão do *bullying* escolar está, em grande parte, relacionada a

reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, cujo estudo obteve grande impulso a partir dos movimentos feministas da década de 60. Apesar de estarmos em pleno século 21, a mulher ainda é constantemente desrespeitada e colocada em um lugar inferior ao do homem. Para muitas culturas, as mulheres devem ser dóceis, discretas, delicadas, recatadas e servis e os homens devem ser fortes, capazes, assertivos, dominadores e preparados para não demonstrarem sentimentos exacerbados. Essa diferenciação na educação e no desenvolvimento do indivíduo pode trazer uma percepção errônea do mundo, onde papéis sociais pré-estabelecidos confrontam a personalidade e a orientação de sua formação.

A escola, como espaço social, tem a função de promover ativamente o desenvolvimento da criança de forma integral em todos os aspectos, preparando-a para participar da sociedade em que está inserida, porém, não pode e não deve ser mero instrumento replicador de comportamentos. Sendo assim, a violência escolar é um aspecto que deve ser pensado no currículo escolar como parte do processo educativo. Segundo Reis; Wanzinack (2015) a violência escolar tem emergido com muita intensidade no contexto brasileiro, causando problemas ao seu desenvolvimento e sérios danos psicológicos às vítimas.

Para Albino e Terencio (2012) a agressividade entre pares na escola é um problema universal e atualmente os países que mais pesquisam sobre *bullying* escolar são Noruega, Estados Unidos, Portugal e Espanha. As pesquisas no Brasil utilizam o termo *bullying* para explicar esse fenômeno que acontece nas escolas em todo o mundo. Os pesquisadores brasileiros, adotaram os termos agressor, vítima, espectador e agressor-vítima para identificar os envolvidos em atos de *bullying* (Lopes Neto, 2005).

Apesar de sempre existirem formas de violências que são nocivas entre colegas no âmbito escolar, os estudos sobre *bullying* tiveram início somente na década de 70 na Europa, com o pesquisador e professor sueco-norueguês Dan Olweus e, no Brasil, no início do ano 2000 com uma pesquisa feita pela ABRAPIA que incluía um grupo de professores e pediatras. Os estudos avançaram e os que se destacaram na mídia aberta são as obras de Fante (2005) com assertivas para a Cultura de Paz nas escolas e a publicação da FioCruz: Impactos da Violência na Escola –Um diálogo com professores (2010).

Conforme Braga e Lisboa (2010), o *bullying* apresenta-se, na forma direta, com agressões físicas e humilhações públicas, com maior incidência entre meninos

e, em forma indireta, entre meninas com difamações, indiferença e exclusões. Atualmente também se percebe a violência virtual, ou o *cyberbullying*, praticado através da internet e telefones móveis. Para Reis; Wanzinack (2015), o *cyberbullying* já é chamado de viralização, pois se propaga pela rede da internet como um vírus e expõe a vitima a todos os cantos do mundo, sem que a mesma possa se defender. Desta forma, pode ser classificado também como *bullying* indireto, onde ocorrem humilhações e difamações sem uma agressão fisica ou presencial.

Essa pesquisa buscou compreender a violência praticada entre meninas. Simmons (2004) traz o contexto do *bullying* feminino, tão discutido nas publicações científicas como *bullying* indireto, como uma prática comum entre meninas, que usam a agressão verbal como violência entre pares. Esta forma de violência é conceituada como uma cultura oculta da agressão, pois são alternativas praticadas dentro das relações de amizade e, portanto, mascaradas. A proposta da autora é de que as meninas aprendam a se relacionarem entre si com veracidade de sentimentos, aceitando que a violência entre elas, como acontece entre meninos, é prejudicial ao desenvolvimento humano (SIMMONS,2004).

A sociedade em que estamos inseridos, assim como grande parte da cultura ocidental, mostra que meninos fazem jus ao termo *bullying* por serem diretos, agressivos e fisicamente superiores. Essa mesma cultura ainda reproduz o entendimento de que as meninas são frágeis e fisicamente incapazes de agredir ou se defender, fazendo uso de fofocas e exclusões como algo inerente a ser mulher. Se uma menina é mais agressiva, é chamada de “macho”, e o menino incapaz de se defender ou que evita o confronto físico, é taxado de “maricas” ou “mulherzinha”. Isso não ajuda em nada contra a violência, pois só reafirma a agressividade como algo que diferencia meninas e meninos. É fácil perceber, no ambiente escolar, a preocupação da criança em ser aceita pelo grupo, muitas vezes assumindo comportamentos estranhos à sua personalidade apenas para alcançarem algum reconhecimento. Assim, as meninas sentem a pressão social para serem populares, para estarem em algum grupo que se destaque entre todos na escola, do contrário, são elas o problema, não sabem ser amigas. “Perdi a conta de quantas meninas me contaram preferirem sofrer em algum tipo de agressão, a serem ignoradas por suas colegas“ (SIMMONS, 2004, p.207).

A questão de que a educação de meninos e meninas é diferenciada em quase todas as culturas, torna-se o objetivo principal desta pesquisa que é avaliar

como as meninas estão percebendo *o bullying* velado dentro das relações de amizade e como a escola percebe isso. Em uma cultura onde o machismo ainda está em alta, levar esse tema para as escolas ainda no ensino fundamental é desafiador, pois muitas vezes são as meninas que reproduzem atitudes machistas.

METODOLOGIA

Utilizou-se uma atividade amostral e descritiva, realizada em duas turmas de 5ºs anos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severo Ribeiro de Camargo, em Colombo. Participaram desta pesquisa 25 alunas, com idade de 11 e 13 anos. O projeto político pedagógico da escola prevê ações interdisciplinares para uma integração dos currículos às disciplinas acadêmicas e dos alunos. Nessas ações estão contemplados língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia, artes, ensino religioso, temas sócio contemporâneos, competências e habilidades, valores e atitudes, e informática, porém não foram identificadas ações específicas sobre violência.

A escolha desta escola foi após uma conversa com uma professora da mesma, que relatou estar presenciando muitos casos de *bullying* indireto. A escola havia realizado um projeto dentro da disciplina de Ensino Religioso sobre o tema *bullying* de forma geral, porém percebeu-se que a questão do *bullying* indireto não foi muito bem compreendida. Surgiu, então, a possibilidade de falar sobre esse tema com as meninas dos 5ºs anos, que estão indo para outra escola onde podem sofrer possíveis casos de violência, por serem novas alunas. Conforme Simmons (2004), a idade em que as meninas mais percebem o *bullying* dentro das relações de amizade é por volta dos 11 anos, quando entram na puberdade e mudam para outro nível escolar.

A partir desta primeira conversa foi agendada uma visita para conhecer a equipe e o espaço físico da escola no intuito de elaborar o tipo de trabalho que seria realizado. Nesta primeira visita, a coordenadora pedagógica relatou sobre número de alunas e perfil das mesmas. Esclareceu que os 5ºs anos tem aula pela manhã, que são duas turmas e que são 35 alunas. Uma segunda visita foi agendada para entregar os termos de consentimento enviado aos pais. A etapa seguinte da atividade foi uma roda de conversa em que o tema foi apresentado com gravuras e frases e as meninas participavam com depoimentos e questionamentos. Ao final

aplicou-se um questionário (ANEXO) com doze perguntas, sendo duas abertas, a fim de levantar dados sobre *bullying*, amizade e tipo de violência vivenciadas diariamente por essas meninas.

A aplicação ocorreu no mês de novembro de 2015. As perguntas tinham como foco identificar e orientar, as meninas que estão concluindo o fundamental I, sobre as consequências sociais e psicológicas de atitudes de *bullying* nas amizades. A confidencialidade das participantes foi respeitada, conforme informação dada aos responsáveis no termo de consentimento (ANEXO) da participação na pesquisa.

Durante a roda de conversa, a participação das meninas cresceu à medida que se identificavam com as figuras apresentadas nos slides, surgindo questionamentos e relatos de casos. O questionário foi aplicado em seguida, respondido de forma anomina e individual e a discussão foi muito produtiva, sendo que cada pergunta recebia a devida orientação para que as relações de amizades entre elas fossem fortalecidas. As meninas que conversam muito em sala, comentaram que poderiam “abrir a boca” quando presenciassem uma atitude de *bullying* com alguma colega, por exemplo. Os resultados vão mostrar que definir o que é agressividade, agressão e bullying é o primeiro passo para pensar em estratégias de enfrentamento as agressões alternativas que acometem todos sem distinção.

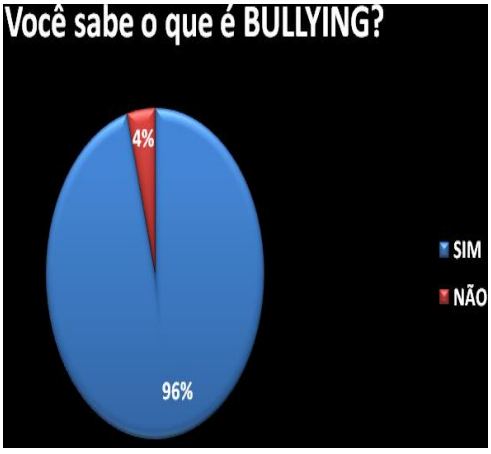
RESULTADOS E DISCUSSÃO

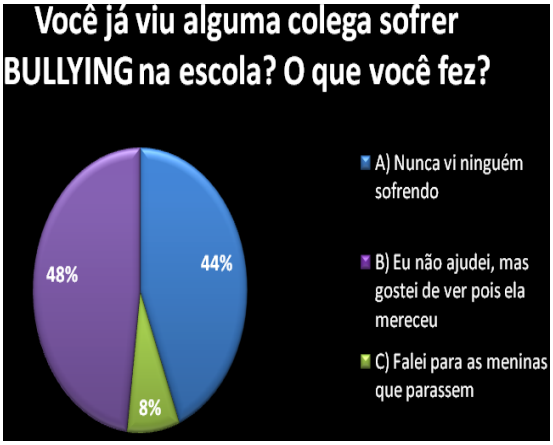
As 25 meninas que participaram da pesquisa, são da mesma comunidade e estão na mesma escola desde o primeiro ano do ensino fundamental. Portanto convivem juntas há quatro anos, em sua grande maioria. Para Chalita (2008), a amizade é um caminho para a educação em excelência. O autor enfatiza a importancia dos pais e professores como amigos na educação de uma criança, pois ensinam assim, sobre relações saudáveis. A amizade evita crimes contra uma pessoa ou contra a humanidade.

Sobre o conceito de *bullying,* percebeu-se que somente 4% desconhecem e que 48% admitem já ter sofrido agressão das amigas na escola. Apesar de 36% afirmar nunca ter sofrido *bullying* na escola, 52% relatam já terem sido vítimas de fofocas e mentiras, ou seja, sofreram *bullying* indireto. Conclui-se assim, que o *bullying* indireto não é percebido como uma agressão grave. Segundo Rocha (2015,

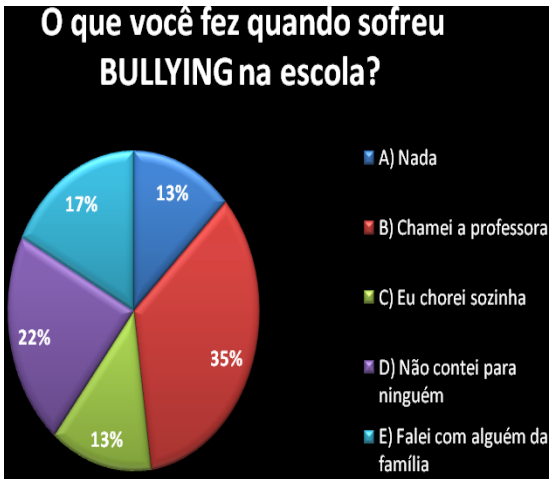
p 29), agressividade e violência, não devem ser sinônimos pois enquanto violência é a qualidade do violento, agressividade é necessária para o ser humano, pois é o movimentar-se para trás, uma atitude muitas vezes de autoproteção. Porém, não é esclarecido que violência psíquica é uma questão muito séria, que deve ser refletida e contextualizada, na escola e mesmo em casa.

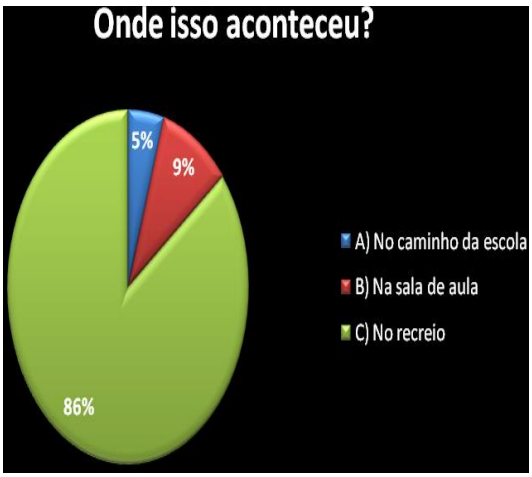
Para 52% das entrevistadas o *bullying* que sofreram foi em forma de difamações como fofocas, mentiras e apelidos, que levaram a um isolamento. Muitas vezes esse isolamento pode ser percebido como um sentimento de culpa, como se a vítima fosse merecedora de tal agressão. Nascimento (2014) faz considerações, sobre as agressões sofridas por crianças em desenvolvimento, ressaltando que a tortura fisica ou psicológica não pode ser tolerada e que o Estado tem o dever de favorecer o desenvolvimento integral dada criança e do adolescente. Das 25 meninas 32% sofreram *bullying* das colegas já nas primeiras semanas de aula. As meninas demonstram certa confiança nos professores, pois 35% recorreu a eles quando sofreu *bullying* na escola, tentando resolver ali o conflito.





Em 86% dos casos, as agressões acontecem no recreio, sendo que 48% acham que a amiga mereceu tal atitude. Talvez aí esteja a explicação por que 34% das vitimas disseram que se sentiram sozinhas quando sofreram *bullying*, pois somente 8% dos que presenciaram interviram pedindo que parassem a agressão. Tal situação reforça os estudos de Simmons (2004) ao relatar que as meninas podem usar a amizade para ferir, visto que o combustível da agressão relacional é o próprio relacionamento, pois estar entre amigas pode ser o mesmo que estar sozinha. Ou seja, uma faz amizade com outra para provocar ciúmes em uma terceira. Somente 8% dizem não ter mais de uma amiga na escola, mostrando que a probabilidade de uma menina ficar isolada no recreio é muito pequena, porém aumenta a necessidade de participar do grupo.





Ainda segundo Simmons (2004) a amizade entre meninas é que vai fortalecer cada uma de forma positiva para seus futuros relacionamentos, ou seja, não é obrigatório ser amiga de quem você não gosta, mas isso deve ser bem claro em uma relação. As meninas não percebem que quando são colocadas de lado em seus grupos estão sofrendo *bullying,* pois reconhecem que amizade é algo tão valioso que nada justifica uma amiga fazer algo que magoe a outra. Apenas 12% admitiram já ter ignorado ou isolado uma amiga na escola e outras 12% admitiram que colocaram apelido e xingaram a amiga. Para Chalita (2008) as meninas disfarçam e fingem não sentir ira, como os meninos, e afogam os sentimentos, sendo um tabu social para as mesmas manifestar raiva, por exemplo.

Quando contaram histórias de *bullying*, fazem relatos de agressões como puxões de cabelo e apelidos maldosos. ”M*inha amiga deixou a escola por causa de algumas meninas maldosas que batiam nela e xingavam e até hoje não vi mais ela na escola”,* comentou uma menina sobre um possível caso de *bullying* ocorrido com uma amiga. Para Simmons (2004), a escola não tem conseguido trabalhar o *bullying* feminino e a agressão oculta das meninas, pois são questões que não fazem parte do currículo escolar.

Na pergunta aberta sobre a amizade, as vinte e cinco respostas ressaltaram a importancia positiva da amizade. Para Chalita (2008) a amizade traz muitos benefícios e as lembranças positivas de uma amizade são marcas eternas. Algumas falas ressaltam essa percepção: “amizade para mim é uma ajudar a outra no que ela precisar, nunca deixar a outra sozinha. ” “Amizade é quando uma pessoa confia na outra. ”

A amizade exige algo das pessoas, espera-se que ao se envolver em uma relação, a pessoa perceba que precisa dar para então receber. Portanto, é necessário que a escola aborde a questão da violência, incluindo o *bullying* e suas características, e que desenvolva ações continuas e eficazes enfatizando a importância da amizade no desenvolvimento pleno da criança em idade escolar para que ela possa tornar-se um adulto consciente, responsável e sensível em seus relacionamentos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi evidenciar o quanto o *bullying* indireto é prejudicial ao desenvolvimento socio-emocional das meninas no ambiente escolar. A agressividade, inerente à sobrevivência humana, pode trazer graves consequências a todos os atores envolvidos no cotidiano da escola. A questão do gênero é distintiva no *bullying*, pois demonstra a forma como meninas e meninos reagem a práticas de agressão física, verbal, emocional e ou psicológica.

Enquanto os meninos podem expor sua agressividade a todos, as meninas se agridem dentro do círculo de amizade ou, pior, aceitam a agressão caladas como uma forma de autopunição, pela suposta fragilidade feminina. Essa parece ser uma resposta à sociedade, que coloca a mulher numa posição inferior, exigindo que seja dócil, discreta e recatada em seus atos.

Durante a atividade foi possível perceber que as meninas sofrem por não serem assertivas em seus relacionamentos. Muitas relataram que sofrem agressões de irmãs, irmãos e não podem se defender por que “é feio menina brigar”. As consequências, quando não identificam as agressões, podem ser maior suscetibilidade à futuras agressões e relacionamentos destrutivos. A hipótese é de que uma menina que sofre *bullying* indireto possa tornar-se vítima de violência doméstica no futuro.

Ou seja, são meninas que não percebem desde muito novas, que podem e devem ser assertivas em seus relacionamentos, que não precisam aceitar o que está posto na midia sobre o que é ser mulher e sobre o que é ser homem. Para que isso não ocorra, é preciso esclarecer e incentivar, desde a primeira infância, o respeito, a amizade e a igualdade de gêneros. Estes são princípios fundamentais para que meninas (e meninos) aprendam a importância do direito à palavra, à expressão de suas emoções e, especialmente, o papel da mulher dentro da sociedade.

A amizade pode ser ensinada aos alunos como se ensina interpretação de texto, pois é pelo exemplo que a criança percebe o mundo, pela palavra ela constrói seu conceito de amigo, inimigo, do ruim e do bom. As mudanças de pensamento e comportamento podem iniciar dentro da sala de aula e cabe a cada ator envolvido nela uma parcela para que definitivamente a escola seja um ambiente acolhedor, libertador, sem preconceito e sem violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO;P. L.; TERENCIO M.G. Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying: do conceito ao combate e à prevenção. **Revista Eletrônica do CEAF**. v. 1, n. 2, fev./maio 2012,p.1-21. http://www.mprs.mp.br/areas/bibliotecas/arquivos/revista/vol1n02art4pdf>. Acesso em 05/01/2016.

BRAGA.L.L. ; LISBOA , C. **Estratégias de coping para lidar com o processo de bullying: um estudo de qualitativo**. Interamerican Journal of Psychology - 2010, Vol. 44, Num. 2, p. 321-331. 2010.

CHALITA.G. **Pedagogia da amizade:** *Bullying* o sofrimento das vitimas e dos agressores. 5ª ed. São Paulo, Ed.Gente,2008.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n.5 (supl), p. S164- S172, 2005. Disponível em<http://www.observatoriodainfancia.com.br> .Acessos em 28/08/214 e 30/01/2016.

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS,S.G.(org.) **Impactos da violência na escola**:um diálogo com professores. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2010,p.95-119.

ROCHA, T.B. Violência, agressividade e poder: conceitos para professores compreenderem conflitos no ambiente escolar. In Wanzinack C.;Signorelli,M.C**. Violência Gênero e Diversidade :** Desafios para a educação e o desenvolvimento.Rio de Janeiro,Autografia,2015,p.19-40.

SIMMONS,R. **Garota fora do Jogo:** a cultura oculta da agressão nas meninas.Rio de Janeiro,Ed. Rocco,2004.
WANZINACK,C.REIS,C.Cyberbullying e violência na rede: relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná.In XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciencias da Comunicação,XV, 2015,Rio de Janeiro,.**Anais,** p.1-14.

Curso de Especialização
Gênero e Diversidade na Escola
Pólos: Blumenau, Itajaí, Itambé, Lapa, São Paulo /CEU Jambeiro
UFPR Setor Litoral

Questionário sobre Bullying Feminino

Marque um X sobre a letra que está diante da opção que você escolher como resposta

1) Você já sofreu algum tipo de agressão na escola das suas amigas?
A) SIM B) NÃO
2) Você sabe o que é *BULLYING*?
A) SIM B) NÃO
3)Quando você sofreu algum tipo de *BULLYING* na escola?
A) Nunca sofri BULLYING na escola.
B) Hoje
C) Nas primeiras semanas de aula.
D) No último ano.
E) Há mais de 1 ano.
4)Que tipo de BULLYING você sofreu?
A) Bateram em mim, puxaram cabelo.
B) Me apelidaram, riram de mim, me isolaram.
C) Contaram mentiras,fofocas a meu respeito.
D) Outra coisa. Explique:_____
5) Onde isso aconteceu?
A) No caminho da escola.
B) Na sala de aula.
C) No recreio.
6) Como você se sentiu quando isso aconteceu?
A) Me senti sozinha e desamparada.
B) Me senti assustada e com medo.
C) Não queria mais ir para escola.
D) Não senti nada. Explique:_____
7) O que você fez quando sofreu BULLYING na escola?
A) Nada.
B) Chamei a professora.
C) Eu chorei sozinha.
D) Não contei para ninguém.
E) Falei com alguém da família.
8) Você já viu alguma colega sofrer BULLYING na escola? O que você fez?
A) Nunca vi ninguém sofrendo.
B) Eu não ajudei, mas gostei de ver pois ela mereceu.
C) Falei para as meninas que parassem.
D) Chamei/Contei à professora.
9) Você já praticou BULLYING contra outra colega e como fez isso?
A) Eu nunca pratiquei BULLYING contra uma colega.
B) Ignorei 1 ou 2 vezes.
C) Coloquei apelido e xinguei.
10) Você tem mais de uma amiga ou amigo na escola?
A) Sim
B)Não
11) Conte o que é amizade pra você.
12) Agora conte uma história sua ou de sua amiga, que sofreu *bullying* de outra menina que fosse amiga ou não.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar, autorizando sua filha, de uma pesquisa intitulada Agressão relacional alternativa: o *bullying* velado entre meninas em um contexto brasileiro**,** que objetiva identificar quais são as formas do posicionamento pedagógico político das escolas frente a práticas veladas de agressão relacional alternativa entre meninas, descrevendo essas práticas **,** desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal do Paraná, sob orientação do professor Douglas Gomes Daronco. Consideramos que sua participação será de extrema importância, uma vez que **e**ssa pesquisa contribuirá para que as meninas sejam assertivas em suas amizades e não permitam que de forma velada sofram violência só pelo fato de serem mulheres.Gostaríamos de acrescentar que todos os cuidados éticos serão respeitados, principalmente o que concerne ao seu anonimato, confidencialidade e ao sigilo das informações que cada menina nos prestar. Os dados serão armazenados em local próprio, com acesso realizado apenas pelos pesquisadores. Os resultados do estudo poderão ser publicados apenas em eventos/periódicos de cunho científico, sempre sem a identificação dos participantes. Realizaremos no primeiro momento uma roda de conversa sobre o tema e no segundo momento será disponibilizada uma entrevista com doze perguntas, sendo duas abertas e num terceiro momento cada menina poderá dizer o que fará para que evitar o *bullying* entre meninas. A participação nesse estudo é voluntária e, caso sua filha possa participar, ainda assim, poderá desistir a qualquer momento sem qualquer consequência ou prejuízo. A participação na pesquisa não terá nenhum custo financeiro. Estou suficientemente esclarecido(a) e dou consentimento para participar da pesquisa e, por isso, assino a seguir.

Local_____ Data _____

_____

Assinatura do(a) responsável pela aluna participante

NOME

_____

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

NOME